

INSTRUÇÕES PARA REDAÇÃO

- O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
- O texto definitivo deve ser escrito, à tinta, na folha própria, em até 30 linhas.
- A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para efeito de correção.

Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:

- tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada “texto insuficiente”.
- fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
- apresentar proposta de intervenção que desrespeite os direitos humanos.
- apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.

TEXTOS MOTIVADORES

Com base em um ou mais itens da coletânea e em seus conhecimentos, argumente sobre a questão abaixo.

COMO A FUGA DE CÉREBROS PREJUDICA O DESENVOLVIMENTO DA CIÊNCIA NO BRASIL?

Texto I

O Brasil está na segunda divisão mundial da produção de ciência e tecnologia. Até aí, nada novo. A baixa qualidade da educação, afinal, não deixa espaço para surpresas. Mas a crise torna esse quadro ainda mais agudo. Há uma potencial perda de talentos em curso, motivada pela busca de melhores condições de trabalho no exterior.

Mostra recente desse efeito é o caso da professora Suzana Herculano-Houzel. Ela anunciou que partiria para os Estados Unidos em busca de oportunidades melhores e o caso ganhou forte repercussão na internet.

Suzana é pesquisadora, respeitada mundialmente por seu trabalho com Neurociência, e está migrando da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para a Vanderbilt University, em Nashville, Tennessee.

A saída de indivíduos com alto nível educacional de países pobres para ricos é um fenômeno bem documentado na literatura acadêmica de economia. Trata-se da chamada “fuga de cérebros” ou “de talentos”.

Evidentemente, o efeito disso é ruim para o país que perde trabalhadores. Economias mais pobres, em situações normais, já se defrontam com escassez de mão de obra qualificada.

A saída dessa turma, portanto, agrava o problema. Ora, nesses lugares já há relativamente poucos médicos, engenheiros, cientistas, etc. E se, dentre esses profissionais, os melhores passam a escolher o exterior?

Mas há também desdobramentos positivos associados à ida de pessoas para o exterior. Em particular, elas podem estabelecer uma rede de contatos que ajudaria outros profissionais em seu país de origem.

Entre os acadêmicos brasileiros isso é bem evidente: profissionais empregados lá fora ajudam a “fazer a ponte” entre universidades do país de origem e instituições de prestígio internacional.

Há outro efeito benéfico esperado, sobretudo numa crise como a nossa. O exterior oferece opções adicionais de trabalho justamente quando elas estão escassas por aqui.

Dessa forma, a consequência da perda de emprego e renda podem ser menores para pessoas com nível educacional elevado, já que essas pessoas podem migrar para países mais bem estabilizados.

Infelizmente, essa chance não está disponível para todo mundo. Em geral, países desenvolvidos aceitam imigrantes de alto nível educacional (e até os incentivam a migrar), mas colocam pesadas barreiras ao recebimento de pessoas com nível educacional mais baixo. Os menos qualificados também tendem a ser mais pobres.

Além disso, há um custo considerável em migrar, a começar pela passagem aérea e a instalação no novo país. Sem falar na barreira da língua, o que torna essa alternativa ainda mais custosa para os pobres.

Esse canal mostra que os mais ricos têm mais possibilidades de proteção contra choques como a crise brasileira. Já os pobres têm menos acesso a essas oportunidades, logo, têm mais chances de sofrer mais.

Ou seja, podemos ainda não saber o efeito exato da crise sobre a desigualdade no Brasil, mas o estrago, ao que tudo indica, será grande.

Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/ciencia/por-que-uma-fuga-de-cerebros-ameaca-o-brasil-na-crise/>>. Acesso em 25 jan. 2020.

Texto II

Os obstáculos para a prática da ciência no Brasil impulsionam o “*brain drain*” – expressão em inglês que significa a saída de cientistas de um país para trabalhar em instituições estrangeiras. E a tendência é que a fuga de cérebros aumente. Recentemente, uma das pesquisadoras brasileiras de maior destaque mundial, a neurocientista Suzana Herculano-Houzel, deu adeus ao país. Ela trocou o Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) pela Universidade Vanderbilt, nos Estados Unidos. Em carta, disse “ter-se cansado do ambiente que incentiva a mediocridade”. “A ciência brasileira está agonizante”, escreveu ela na revista “Piauí”.

Principal autora de uma das raras pesquisas brasileiras divulgadas na revista “Science”, ela diz que existe uma penúria tão grande no país que ela já precisou tirar dinheiro do próprio bolso para bancar suas pesquisas. “Todo o establishment (sociedade) científico do Brasil está dominado por uma visão anacrônica que desestimula inovação, desperdiça recursos e não dá esperança a uma geração talentosa de

PROPOSTA DE REDAÇÃO

pesquisadores que está deixando o país em massa, em busca de oportunidades melhores”, afirmou. Para Suzana, mudanças profundas são urgentes, uma vez que sem ciência de ponta não há saída para a crise.

Histórias como a de Suzana e de tantos outros pesquisadores brasileiros que tiveram que deixar o país para conseguir tocar seus projetos, vão, dessa forma, se multiplicando. Em 2015, 49.735 pesquisadores deixaram o Brasil rumo a universidades estrangeiras, segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Porém, esse estímulo ao intercâmbio científico, difundido pelo governo como estratégia, esbarra nas condições favoráveis encontradas pelos pesquisadores em outros países, especialmente o fato de trabalhar em laboratórios de ponta, e eles não voltam. E, assim, a burocracia vai deixando seu rastro: o país perde não só capital humano, como também a chance de desenvolvimento científico.

Efeitos. Pesquisadores e especialistas são taxativos ao afirmarem que esse problema deixa o Brasil para trás. “Depois, o governo espera que aqueles indivíduos nos quais investiu por meio de bolsas de estudo, Ciência sem Fronteiras etc, retornem e se estabeleçam aqui, no país. Como, se não temos condições para trabalhar? Este é outro ponto em que o governo joga dinheiro no lixo: investe na formação e capacitação desses pesquisadores, mas não pensa em como criar condições atrativas para que eles permaneçam no país”, afirma a pesquisadora do Instituto de Ensino e Pesquisa do Hospital Albert Einstein, Karina Griesi.

Disponível em: <<http://www.geografia-ensinareaprender.com/2016/06/fuga-de-cerebros-no-brasil.html>>. Acesso em 25 jan. 2020.

Texto III



Disponível em: <<http://geografianovest.blogspot.com/2014/06/fuga-de-cerebros-em-charges.html>>. Acesso em: 25 jan. 2020.